

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA: ENTREVISTA COM MAÉVI ANABEL NONO

*Isabel Maria Sabino de Farias**

Universidade Estadual do Ceará

<https://orcid.org/0000-0003-1799-0963>

*Maria da Graça Nicoletti Mizukami***

Universidade Presbiteriana Mackenzie

<https://orcid.org/0000-0002-4258-1056>

*Maévi Anabel Nono****

Universidade Estadual Paulista

<https://orcid.org/0000-0002-6015-1105>

RESUMO

Maévi Anabel Nono, paulista de nascimento, pedagoga de formação, é uma notável pesquisadora brasileira da área de Educação, com estudos voltados para a formação de professores e a Educação Infantil. Apresentamos, aqui, a entrevista com ela realizada, consolidada e validada entre janeiro e fevereiro de 2023, interlocução que objetivou explicitar, mediante questões ligadas às suas experiências de professora e de pesquisadora dos processos de aprendizagem da profissão docente, a reflexão sobre os aprendizados advindos com as várias situações vividas no seu percurso de desenvolvimento profissional. Na entrevista, além de evidenciar uma inserção e atuação na docência e na pesquisa fortemente marcada pela formação no CEFAM, posteriormente fortalecida com o ingresso na graduação e pós-graduação *stricto sensu* – tempo de formação vivido na Universidade Federal de São Carlos, ela destaca os aprendizados e desafios que vislumbra na formação de professor.

Palavras-chave: Maévi Anabel Nono; entrevista; professores iniciantes; aprendizagem da docência; Educação Infantil.

* Professora Associada da Universidade Estadual do Ceará (UECE), vinculada ao Centro de Educação (CED) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Pedagoga (UECE). Doutora em Educação Brasileira (UFC), com Estágio Pós-doutoral pela Universidade de Brasília (UNB) na área de currículo, avaliação e desenvolvimento profissional docente. Líder do grupo de pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (EDUCAS/CNPq). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Trabalho (GT 8) Formação de Professores da ANPEd. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2.

** Professora titular pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e, atualmente, é professora adjunto III na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) - Centro de Educação, Filosofia e Teologia /CEFT - Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutorado em Ciências Humanas (PUC-RJ), com pós-doutorado na Santa Clara University, Califórnia, Estados Unidos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2.

*** Professora Assistente MS3-2 na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, campus de São José do Rio Preto, SP. Docente do Programa Multidisciplinar Interunidades de Pós-Graduação Stricto Sensu Ensino e Processos Formativos (Unesp São José do Rio Preto, Ilha Solteira e Jaboticabal). É líder do Grupo de Pesquisa Professores e gestores de Educação Infantil: formação, saberes e práticas.

ABSTRACT

PROFESSIONAL DEVELOPMENT IN TEACHING: INTERVIEW WITH MAÉVI ANABEL NONO

Maévi Anabel Nono, born in São Paulo, educator by training, is a remarkable Brazilian researcher in the field of Education, with studies focused on teacher training and Early Childhood Education. We present here the interview conducted with her between January and February 2023, an interlocution, consolidated and validated by her, which aimed to explain, through questions related to her experiences as a teacher and researcher of the learning processes of the teaching profession, the reflection on the learnings from the various situations experienced in her professional development path. In the interview, besides showing an insertion and performance in teaching and research strongly marked by the training at CEFAM, later strengthened with the entry into undergraduate and graduate *stricto sensu* - training time lived at the Federal University of São Carlos, she highlights the learning and challenges she sees in teacher training.

Keywords: Maévi Anabel Nono; interview; beginning teachers; learning to teach; Early Childhood Education.

RESUMEN

DESARROLLO PROFESIONAL EN DOCENCIA: ENTREVISTA A MAÉVI ANABEL NONO

Maévi Anabel Nono, nacida en São Paulo, educadora de formación, es una destacada investigadora brasileña en el campo de la Educación, con estudios centrados en la formación de profesores y la Educación Infantil. Presentamos aquí la entrevista realizada a ella, consolidada y validada entre enero y febrero de 2023, interlocución que tuvo como objetivo explicitar, a través de preguntas relacionadas con sus experiencias como docente e investigadora de los procesos de aprendizaje de la profesión docente, la reflexión sobre los aprendizajes derivados de las diversas situaciones vividas en su trayecto de desarrollo profesional. En la entrevista, además de destacar una inserción y actuación en docencia e investigación fuertemente marcada por la formación en el CEFAM, fortalecida posteriormente con la entrada en el pregrado y posgrado *stricto sensu* - tiempo de formación vivido en la Universidad Federal de São Carlos, destaca los aprendizajes y desafíos que ve en la formación docente.

Palabras clave: Maévi Anabel Nono; entrevista; profesores principiantes; aprender a enseñar; Educación Infantil.

Introdução

Maévi Anabel Nono, paulista de nascimento, pedagoga de formação, é uma notável pesquisadora brasileira da área de Educação, com estudos voltados para a formação de professores e a Educação Infantil. É professora universitária vinculada, desde 2006, à Universidade Estadual Paulista – Unesp/Campus de São José do Rio Preto – SP, onde lidera o grupo de pesquisa “Professores e gestores de Educação Infantil: formação, saberes e práticas”. Com efeito, a inserção na docência apresentou-se, desde a mais tenra idade, como uma possibilidade, perspectiva fortalecida ao final de sua escolarização básica com o ingresso no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério – CEFAM, experiência inovadora do estado de São Paulo em meados da década de 1980.

Na busca por qualificar-se profissionalmente, a Universidade Federal de São Carlos marca sua trajetória de formação desde a graduação à pós-graduação *stricto sensu*. No mestrado, concluído em 2001, investigou o aprender a ensinar de futuras professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental associado à adoção de casos de ensino, dispositivo de formação que fora seu objeto de estudo desde a iniciação científica, ainda durante sua formação inicial. Este interesse investigativo é aprofundado durante seu doutoramento (2001 a 2005), quando pesquisou sobre casos de ensino e professoras iniciantes, percurso que evidencia a aprendizagem profissional da docência como objeto de estudo fortemente imbricado a formação, atuação profissional e constituição como pesquisadora, interesse certamente tecido pelos caminhos da vida e do trabalho (Farias, 2021).

Sua produção bibliográfica é expressiva do delineamento desse foco de estudo, com artigos e livros abordando os processos de aprendizagem profissional da docência, os professores iniciantes na Educação Infantil, os casos de ensino como metodologia de formação docente e de pesquisa, a formação inicial e continuada de docentes e gestores da Educação Infantil, o

ensino e a gestão em escolas de Educação Infantil. Entre essas produções, um contributo é o livro *Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação*, publicado em 2011, cuja análise decorre de pesquisas financiadas pelo CNPq, CAPES e FAPESP no âmbito da pós-graduação. Nele, nossa entrevistada chama atenção para a necessidade de estudos acerca de “estratégias e metodologias diversificadas para pesquisa e promoção de processos de aprendizagem da docência” e, nessa direção, destaca os casos de ensino como uma dessas possibilidades, argumentando que a relevância desse dispositivo se sobressai em vista do reconhecimento de que “os processos de ensinar ocorrem na interação do professor com o contexto no qual leciona” (Nono, 2011, p. 6). Trata-se de um texto constituído por reflexões sobre os processos de desenvolvimento profissional nas diferentes nas fases da carreira, com ênfase nos primeiros anos de docência, destacados como período de intensas e decisivas aprendizagens em relação aos conhecimentos profissionais, à permanência na docência e ao tipo de professor que o iniciante virá a ser. Uma obra, como anotado por uma aspirante à docência,

[...] enxuta (175p), mas farta de referenciais atuais e análises consistentes sobre o tema. [...] de imenso valor [...]. A leitura é válida para qualquer indivíduo, pois a educação deve ser interesse de todos. Mais especificamente, é um livro indispensável para alunos, professores e pensadores da Pedagogia e de todos os cursos de licenciatura, especificamente por tratar de forma muito minuciosa e explicativa sobre a forma como o professor se desenvolve e aprende a ensinar [...]. (Maia, 2022, p. 74).

Parte significativa da produção de Maévi Anabel Nono é dedicada ao estudo dos processos de aprendizagem da profissão docente, com especial atenção para os professores em início de carreira no contexto da Educação Infantil, razão que motivou a realização desta entrevista. Nestes termos, esta interlocução foi movida pela intenção de explicitar, por meio

da provocação de questões ligadas às suas experiências como professora e pesquisadora, a reflexão sobre os aprendizados advindos com as várias situações vividas no seu percurso de desenvolvimento profissional.

Apresentamos a seguir a entrevista, realizada, consolidada e validada pela entrevistada entre janeiro e fevereiro de 2023.

ENTREVISTA

Desde o CEFAM, a docência sempre esteve presente em seu processo formativo e acadêmico. Considerando esse período, que vai do CEFAM ao término do doutorado, analise pontos centrais de seu próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência

Penso que a docência esteve presente em meu processo formativo e acadêmico desde quando ingressei na pré-escola, em 1980. Aos seis anos de idade, costumava observar e pensar muito sobre as ações da minha primeira professora. Ficava imaginando os motivos que a levavam a escolher sempre a mesma criança para ser a primeira aluna da fila para o recreio – ela pedia que todos os alunos ficassem em silêncio e dizia que o mais quieto seria o primeiro da fila; imóvel e sem dizer nada, ficava pensando qual barulho eu havia feito para não ser chamada por ela. Tentava entender os motivos para termos de ficar horas raspando uma lata de refrigerante no cimento do chão da escola para conseguir tirar a tampa e depois construir um porta-lápis. Não haveria uma forma de fazer isso que fosse mais fácil e menos dolorosa para as mãos e braços de uma criança pequena? Além disso, nossos lápis

ficavam no estojo. Imaginava por quais motivos a professora premiava com um lindo foguete – feito de potes de bebida láctea e pintado de dourado com tinta spray – aquelas crianças que conseguiam terminar em primeiro lugar a lição de caligrafia feita no caderno de folhas verdes. Era tão doloroso ter de escrever rápido aquelas letras nesse caderno. E, além disso, escrever rápido deixava as letras feias para toda a vida delas, pensava eu. E que tristeza ganhar o foguete apenas porque chorei, já que não consegui ser a primeira a terminar a lição. Por que esperar a criança chorar, se havia foguetes suficientes para todas? Embora aos seis anos eu não pensasse em me tornar professora, digo que essas experiências vividas na pré-escola foram, e são, decisivas na professora e formadora que sou hoje. Vivências nos primeiros anos do Ensino Fundamental, nos anos de 1981 a 1984, antigo Ensino de Primeiro Grau, também têm muita força nos meus processos de formação docente. Se na pré-escola parecia, para mim, muito difícil estar na escola, a partir da primeira série algo mudou. Eu tentava entender por que motivos agora, com nova professora, era mais importante escrever com letras bonitas do que terminar rapidamente a lição. Lembro que, nos ditados, ela só recitava outra palavra para ser escrita pelas crianças depois que eu terminasse de escrever. “O que havia mudado tanto e de um ano para o outro?”, pensava eu, sem perguntar, já que, naquela época, as crianças deviam ficar quietas, eu havia aprendido. Pensava também por quais motivos as crianças da zona rural tinham uma fileira na sala de aula apenas para elas, separada da fileira das crianças que haviam frequentado a pré-escola e da fileira das crianças que moravam na cidade, mas não tinham nunca ido para a escola. Por que não era permitido conversar na escola? Por que cada criança sentava em uma carteira? Apesar de sempre pensar muito sobre tudo o que acontecia na escola, nunca pensei em ser professora.

A ida para essa profissão aconteceu em função da criação dos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

(CEFAM). Em 1989 foi implantada a primeira turma do CEFAM em um município próximo de onde eu residia. Em 1988, quando eu estava na 8ª série, houve divulgação do CEFAM na escola onde eu estudava e, nesse momento, vivi um certo dilema que já me mostrou que assumir a docência seria um tanto desafiador. Muitos dos meus professores me incentivavam a prestar o processo seletivo para o CEFAM; outros diziam que minha trajetória como aluna mostrava que eu deveria seguir para uma profissão de maior prestígio na sociedade. Nesse momento fui aprendendo diferentes formas de encarar o professor e a docência que estão presentes no cotidiano das pessoas. Comecei a experienciar, já nesse momento, antes de ser professora, a desvalorização da profissão docente. No CEFAM, vivenciei processos fundamentais de aprendizagem da docência. Pude revisitar fatos vividos nos meus primeiros anos de escolarização, podendo analisar cada um deles com apoio de estudos que me foram apresentados pelos docentes do curso. Percebi, nas disciplinas voltadas para a formação dos alunos para ensinar conteúdos específicos para as crianças, lacunas importantes em meus próprios conhecimentos sobre Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências. Como aprender a ensinar as quatro operações matemáticas se eu mesma não havia construído, mas apenas memorizado essa aprendizagem antes do ingresso no curso de formação inicial para a docência? Nas aulas vivenciadas no CEFAM, aprendi que os processos de aprender e de ensinar e de aprender a ensinar se modificam. As práticas das professoras dos meus primeiros anos na escola não estavam equivocadas, estavam localizadas em determinado tempo. Essa é uma aprendizagem que considero essencial em minhas práticas docentes. Entendo que meus alunos do curso de Pedagogia precisam ter clareza de que a profissão docente exige, como as demais, um debruçar-se constante sobre novas descobertas, novas compreensões, novos entendimentos das práticas e conceitos relacionados a ela.

Na busca por entender mais da docência, in-

gressei, em 1996, no curso de Pedagogia. Nesse curso, vivenciei muitas aprendizagens sobre aspectos históricos, filosóficos e sociológicos da Educação. Com a base aprendida no CEFAM, pude aprofundar-me em tudo que me foi oferecido na Pedagogia. Ingressei nesse curso com a intenção de atuar na formação de professores. Por isso, meu olhar para o que era ensinado sempre foi no sentido de entender como o que eu aprendia poderia me auxiliar no trabalho futuro que eu realizaria como formadora de professores. O curso de Pedagogia também me proporcionou muitas aprendizagens relacionadas à pesquisa sobre a docência, além de outras relacionadas com a própria organização do curso e sua adequação à formação de professores. Importante dizer que na época em que cursei a formação inicial para a docência, seja no magistério, seja na graduação, aprendi muito pouco sobre Educação Infantil, que hoje é minha principal área de atuação no ensino, na pesquisa e na extensão. Entretanto, os dois cursos, penso, me ofereceram condições de, ao ingressar no Ensino Superior como docente, ter a segurança de que poderia aprender sobre essa etapa da Educação Básica, entendendo meu próprio processo de aprendizagem da docência como um processo contínuo. No mestrado e no doutorado pude aprender mais profundamente sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente e sobre minhas próprias compreensões sobre como se aprende a ser professor ou professora. Na pós-graduação também pude revisitar meus tempos de aluna, e tive ainda mais clareza da força das vivências na escola, ao longo de minha trajetória desde meu primeiro ano de escolarização, na constituição da professora que eu estava me tornando.

Comente sobre as principais referências teóricas que têm fundamentado sua atuação como formadora de professores

e como pesquisadora, destacando alguns autores e as contribuições que você atribui a eles

Quando ingressei na docência no Ensino Superior, no Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de São José do Rio Preto, São Paulo, fui contratada para atuar no curso de licenciatura em Pedagogia. Naquele ano, 2006, o curso deveria passar por uma reestruturação curricular que exigia, entre outras alterações em seu projeto político-pedagógico, a inclusão na grade curricular de disciplinas que garantissem a formação do pedagogo para atuar na docência e na gestão em escolas de Educação Infantil. Interessada pela formação de docentes e gestores para creches e pré-escolas, especialmente pelas minhas próprias vivências como aluna, assumi, desde então, como foco de minhas atividades de ensino, pesquisa e extensão na Universidade, a formação de professores para atuar com crianças da Primeira Infância. Nesse sentido, as referências teóricas em que tenho me apoiado encontram-se na área de Formação de Professores, de modo mais geral, e na área da Educação Infantil, de modo mais específico. Na área de Formação de Professores, referências que encontrei durante a graduação e a pós-graduação me acompanham – e muitas delas estão presentes na publicação *Escola e aprendizagem da docência. Processos de investigação e formação* (Mizukami et al., 2002) organizada por pesquisadoras da Universidade Federal de São Carlos, entre as quais a professora Maria da Graça Nicoletti Mizukami, que me orientou nos estudos de mestrado e doutorado, e que, junto com a professora Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali, me apresentou, na graduação, possibilidades de entender a docência que seguem na base da minha atuação ainda hoje.

As considerações de Maurice Tardif (2002) sobre os saberes dos professores, as fontes

de aquisição desses saberes e os modos de integração deles no trabalho docente, embora publicadas no Brasil em 2002, seguem fundamentando minha atuação como professora e pesquisadora. Recentemente, Tardif comentou, em entrevista a Samuel de Souza Neto e Eliana Ayoub (2021), que suas ideias sobre saberes docentes permanecem as mesmas. Hoje, preocupada com a docência na Educação Infantil, entendo que essas ideias são essenciais para pensarmos na professora que atua na creche e na pré-escola. É importante dizer que vou utilizar o termo professora porque as mulheres são a maioria nessa profissão, embora também haja professores atuando nessa etapa da Educação Básica. Para pensar na Educação Infantil, tenho dialogado com diversos pesquisadores, especialmente brasileiros, que estão oferecendo importantes contribuições para quem trabalha com a formação para e a pesquisa sobre a primeira etapa da Educação Básica. Estudos desses pesquisadores estão na base, inclusive, de normativas que norteiam a educação da Primeira Infância no Brasil, que será palco do trabalho de minhas alunas – e novamente preciso enfatizar que mulheres são maioria no curso de Pedagogia, por isso o termo alunas. Procuro sempre trazer Maria Malta Campos, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, Beatriz Ferraz, Paulo Fochi, Silvana Augusto, Rita Coelho para minhas aulas da graduação e da pós-graduação. Concepções de criança, de currículo, de campos de experiência, de qualidade na Educação Infantil, de direitos das crianças nas creches e pré-escolas, das práticas de cuidado e educação que devem ser oferecidas para os pequenos, são tratadas por esses pesquisadores e norteiam meu trabalho docente e de pesquisa. Também as falas de Adriana Friedmann (2018) sobre a escuta das várias infâncias são essenciais para fundamentar as discussões sobre Primeira Infância que tenho com minhas alunas da graduação e da pós-graduação. O mesmo acontece com os dizeres de Vital Didonet, sempre presente em minhas aulas por tratar as crianças como cida-

dãs com direito de viver a infância como uma etapa da vida com sentido e conteúdo próprios, e não como uma preparação para a vida adulta (Rede Nacional Primeira Infância, 2020). Não posso deixar de registrar que as crianças são importantes referências em minha atuação como formadora e pesquisadora. Hoje, as falas verbais e não-verbais dos bebês e das crianças pequenas estão povoando livros, documentários, documentos, carregadas de saberes da infância que, entendo, precisam estar na base da atuação docente de quem atua na creche e na pré-escola e de quem atua na formação para a docência na Educação Infantil.

A partir do quadro teórico que você adota como formadora e pesquisadora, comente ao menos 3 conceitos que têm fundamentado suas atividades de ensino e de pesquisa

Como tenho atuado especialmente na formação para a docência, e também para a gestão, na Educação Infantil, vou apontar aqui três dentre os diversos conceitos sobre os quais tenho me debruçado nos últimos anos e que fundamentam as atividades de ensino, pesquisa e também de extensão que venho realizando. São conceitos que se interligam. O primeiro deles é o conceito de criança, que se relaciona fortemente com o segundo conceito, o de escuta. Tenho tentado, em minhas disciplinas da graduação e da pós-graduação, trazer as crianças para o curso de formação inicial. Elas estão presentes nos documentários, nos documentos, nos artigos que seleciono para as aulas. Aparecem, também, nos relatos de estágio e de docência das alunas do curso de Pedagogia e de mestrado em Ensino e Processos Formativos. No Brasil, hoje, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), temos o conceito de criança que deve nortear as práticas docentes e de gestão nas creches e

pré-escolas. A criança deve ser entendida como centro do planejamento curricular e como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Como formadora de profissionais que irão atuar em escolas da infância, entendo que o saber sobre esse conceito precisa estar na base de todos os outros saberes que serão abordados na formação inicial para a docência e a gestão nas creches e pré-escolas.

Caminhando ao lado desse conceito de criança, está o conceito de escuta. Saber que a criança fala e deve ser escutada é fundamental para o adulto que atua com ela no ambiente da escola. Citei anteriormente os estudos de Adriana Friedmann e Vital Didonet, que ressaltam a necessidade da escuta da criança. Sarmiento (2018) também alerta para a importância da escuta da voz da criança na escola e, também, no âmbito das políticas públicas. No Brasil temos a participação das crianças no Plano Nacional pela Primeira Infância (2020), por exemplo. Na escola, especialmente de Educação Infantil, temos a escuta delas em assembleias, conselhos, mas, essencialmente, é fundamental que a escuta das crianças seja entendida como direito delas no cotidiano da escola e, portanto, como saber a ser aprendido na formação inicial para a docência e a gestão de creches e pré-escolas.

Esses conceitos, portanto, de criança e de escuta, já presentes nas normativas para a Educação Infantil no Brasil – e cito aqui as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (Brasil, 2017) –, estão nortecendo as atividades de ensino, pesquisa e extensão que venho realizando. Arelado aos conceitos de criança e de escuta, o conceito de docência com bebês também vem fundamentando minha atuação nos últimos anos. Costumo trazer para as aulas do curso de Pedagogia os escritos de Angela

Scalabrin Coutinho (2013) e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (2007). Essas pesquisadoras me auxiliam na tarefa de formar docentes para atuar com os bebês, e também na pesquisa sobre essa docência, afirmando a importância da construção de saberes que garantam uma atuação na creche que sustente o desenvolvimento integral dos pequenos.

Discorra sobre as principais necessidades formativas que você, como pesquisadora e formadora, identifica no processo de formação inicial de professores

Penso que as alunas do curso de Pedagogia possuem necessidades formativas relacionadas ao lugar que ocupam como estudantes de graduação – e, como atuo no primeiro ano do curso, lido com a transição que vivenciam da Educação Básica para o Ensino Superior – e ao lugar que ocupam como professoras em formação para atuar com crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como alunas universitárias, precisam aprender sobre a universidade, sobre as atribuições nas disciplinas e nos estágios curriculares supervisionados, sobre as formas de ensinar de cada professor, sobre as diversas possibilidades de participar do cotidiano da universidade que vão além de estar presentes nas aulas, sobre ter autonomia na sua atuação como alunas. Como professoras em formação, penso que as alunas possuem a necessidade de se entender como tal, para poderem se comprometer com essa formação. Realizar leituras de forma cuidadosa, vivenciar os estágios de forma intensa, se apropriar dos saberes presentes nas disciplinas, se envolver em pesquisas de Iniciação Científica e em atividades de Extensão Universitária, pensando na articulação delas com sua atuação profissional – todas essas são necessidades que se relacionam com a compreensão de que

estar na universidade, no curso de Pedagogia, é estar em formação docente. Já são professoras, em formação. Outras necessidades formativas referem-se ao que precisam aprender para exercer a docência. A revisão de concepções que estarão na base de sua atuação será necessária, assim como a quebra de certezas sobre o que é ser professora de bebês e de crianças construídas em sua trajetória como alunas na Educação Básica. A construção de saberes sobre práticas docentes nas creches, pré-escolas e escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental e sobre estudos e normativas que devem fundamentar tais práticas se mostra também como necessidade formativa no curso de formação inicial. Destaco ainda a necessidade de aprender, nesse curso, que a formação docente não se encerra nele. Compreender que suas práticas se desenvolverão em determinado contexto, e que deverão ressignificar, na escola onde forem exercer a profissão, os saberes construídos na formação inicial. Aprender sobre o lugar do contexto da escola e dos sistemas de ensino na atuação docente é fundamental. Por fim, nesse sentido, aprender a trabalhar de forma coletiva, compartilhando crenças, saberes e práticas, experimentando conflitos, também se coloca como uma necessidade formativa a ser levada em conta no curso de Pedagogia.

Explicita como você analisa as escolas como locais/comunidades de desenvolvimento profissional de seus professores?

Vou me reportar a experiências em escolas de Educação Infantil vivenciadas quando pude acompanhar duas instituições em momentos diferentes de suas histórias. Uma das escolas encontrava-se na transição de sua gestão, que seguia de uma organização parceira da Prefeitura Municipal para outra organização que buscou, na Universidade, apoio para efetuar

algumas mudanças nas práticas ali oferecidas. Nessa escola, houve uma alteração no quadro de profissionais que ali atuavam, com a contratação de uma nova coordenadora e de novas professoras por meio de processo seletivo. Como formadora da Universidade, pude participar desse processo e do primeiro ano de organização da escola, acompanhando o grupo em situações cotidianas e em conversas sobre as práticas na Educação Infantil. Em outra escola, pude acompanhar um momento de troca de seu quadro docente e de profissionais de apoio e de reformulação da sua proposta pedagógica. Por meio de conversas centradas em temáticas trazidas pelas professoras e em outras que deveriam ser discutidas para a revisão da proposta pedagógica, tive a oportunidade de acompanhar esse importante momento dessa escola. A partir de um olhar para essas experiências, fundamentado na literatura sobre escolas como comunidades de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente, entendo que as escolas constituem locais privilegiados para a formação continuada para a docência. Nas escolas, professoras podem compartilhar vivências, saberes, compreensões sobre normativas educacionais e sobre conceitos que estão na base de suas práticas, sempre levando em conta o contexto em que atuam. A figura da equipe gestora da escola aparece como fundamental na constituição dessas instituições como comunidades para se aprender a docência.

Discorra, considerando os desafios que cercam a formação de professores no Brasil, sobre as principais necessidades formativas que você identifica em processos de desenvolvimento profissional de professores centrado na escola

Para que, de fato, as escolas sejam locais de formação docente, elas precisam ser entendidas dessa forma pelas professoras e nas políticas públicas educacionais. Nesse sentido, desde a formação inicial as docentes precisam vivenciar o trabalho coletivo e pensar sobre a escola como ambiente de trabalho e, também, de formação profissional. Considerando as creches e pré-escolas, das quais me aproximo mais por atuar na formação para a docência e a gestão na Educação Infantil, existe uma necessidade de garantia de condições que favoreçam a formação centrada nelas. É preciso garantir tempo e espaço para ações formativas, mesmo em instituições de atendimento das crianças em tempo integral. Parcerias entre escolas e universidades ou institutos de formação também são fundamentais, de modo que saberes construídos no dia a dia das escolas e nas atividades de pesquisa sejam compartilhados.

Pondere sobre o que você tem aprendido com a pesquisa (suas e de outros pesquisadores) para a compreensão e promoção de processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente

As pesquisas recentes sobre docência na Educação Infantil têm trazido evidências importantes para a compreensão e a promoção de processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional de docentes das creches e pré-escolas. Algumas têm revelado saberes que estão na base de suas práticas de educação e cuidado das crianças pequenas nas instituições infantis e que são mobilizados no contexto em que atuam. Outras pesquisas apontam saberes que devem ser valorizados nos cursos de Pedagogia quando se trata da formação para a docência com bebês e crianças pequenas. Pesquisas que não focalizam processos formativos para a

docência na Educação Infantil, mas sim outros aspectos relacionados a essa etapa da Educação Básica e suas especificidades também são fundamentais e ensinam sobre o que é preciso aprender para atuar com a Primeira Infância de modo a proporcionar o desenvolvimento integral dos pequenos. Estudos que focalizam concepções de criança, de currículo da Educação Infantil, que tratam das práticas educativas nessa etapa da Educação Básica, das políticas públicas para creches e pré-escolas, da qualidade nas instituições infantis, dos direitos das crianças nessas instituições, enfim, de tantos outros aspectos dessa etapa educacional tão complexa, ensinam sobre o que deve ser considerado na promoção e desenvolvimento de processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional de docentes da Educação Infantil.

Nessa mesma linha, comente sobre o que você aprendeu/tem aprendido com seus alunos – futuros professores

Tenho aprendido muito com meus alunos e alunas desde 1997, quando ingressei na docência lecionando no CEFAM, onde havia me formado professora da Educação Básica alguns anos antes. Minhas vivências como aluna no magistério e no curso de Pedagogia me mostraram a importância de que o professor formador se atente para os saberes que emergem de seus alunos, professores em formação. Então, em minha trajetória como formadora, sempre busquei ter uma escuta e um olhar atentos para as posturas, as falas, as aprendizagens, as lacunas que permaneciam na formação das alunas depois das aulas. Acho importante dizer que tive uma breve experiência como professora de curso de licenciatura em Geografia, mas minha carreira sempre esteve voltada para a formação de professores para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Então, é das alunas em formação para essas etapas da Educação Básica que falo.

Com elas aprendi, por exemplo, que é parte do meu trabalho conversar sobre o lugar que ocupam no curso de Pedagogia: mais do que alunas de Ensino Superior, são professoras em formação. Essa precisa ser a perspectiva delas durante o curso. Noto que esse entendimento altera a forma como encaram os conteúdos tratados nas disciplinas que ministro. Altera sua postura diante de sua própria formação. Com elas também aprendi que preciso oferecer apoio na tarefa de articular os saberes tratados nas diferentes disciplinas do curso de Pedagogia. Superar essa fragmentação do curso é também um aprendizado para elas. E, portanto, precisam de apoio para aprender a relacionar tudo o que estudam com a docência que irão assumir depois de formadas.

Também aprendi que o ingresso na Pedagogia não significa que as alunas saibam qual é o propósito do curso. Saberes sobre o curso de Pedagogia precisam ser tratados com elas, inclusive para validar, ou não, a permanência no curso. Ao longo dos anos de docência também tive mais clareza da importância, para as alunas do curso de Pedagogia, do contato com práticas vividas nas creches e pré-escolas, seja por meio de casos de ensino, mini-histórias, documentários ou observações em situações de estágio. O estudo da legislação, das práticas sugeridas para a docência na Educação Infantil, das concepções sobre educar e cuidar, sobre interações e brincadeiras, tudo isso é aprendido pelas alunas por meio de um olhar atravessado pelas situações reais de quem trabalha com crianças pequenas. Portanto, aprendi, ao longo dos anos, a cada vez mais trazer para as disciplinas essas práticas, para serem vistas e revistas, inclusive aquelas vividas pelas próprias alunas em suas trajetórias escolares. As alunas também me ensinam sobre os conteúdos das disciplinas que ministro. Seus comentários durante as aulas, suas dúvidas, suas produções escritas, conversas, por vezes exigem uma busca de respostas, de aprofundamento no que estou ensinando, de revisão das concepções que sustentam minhas práticas de ensino e de pesquisa, de entendi-

mento das limitações da minha atuação. Acho também fundamental mencionar que minhas alunas me ensinaram que precisam saber do lugar do curso de formação inicial em sua trajetória profissional e de suas potencialidades e limitações. E precisam aprender, no curso de Pedagogia, formas de continuarem se formando professoras quando estiverem atuando nas escolas, levando inclusive ferramentas para seguirem com sua própria formação docente nas diversas etapas de sua carreira.

Elenque as estratégias formativas que, na sua perspectiva, considera poderosas na promoção de processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional do professor

Penso que as estratégias formativas adotadas para promover processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docentes, especialmente quando se trata da docência na Educação Infantil, devem considerar as necessidades de formação apontadas pelas professoras das creches e pré-escolas e, também, devem garantir que necessidades não percebidas por elas sejam notadas e atendidas. Como estratégias aponto, por exemplo, a realização de encontros coletivos para análise e reflexão sobre práticas de educação e cuidado desenvolvidas com crianças pequenas em instituições infantis. Tais práticas podem ser encontradas em revistas da área de Educação Infantil, em documentários, e podem ser resultado de observações e registros das próprias professoras realizados a partir de seu dia a dia. Realizar registros também se constitui poderosa ferramenta de formação docente. Na Educação Infantil, utiliza-se a construção de portfólios, que exige da docente a realização de registros fotográficos e escritos, além da seleção de quais

deles, e de quais produções das crianças, irão compor o documento. Entendo que o estudo individual e coletivo das normativas e de pesquisas na área de Educação Infantil também se mostra como estratégia formativa cujo uso na formação para a docência com a Primeira Infância é importante. A utilização de casos de ensino e mini-histórias, seja por meio de sua análise ou de sua produção, surge também como ferramenta com potencial para promover processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente. Destaco também o uso da documentação pedagógica na formação para a docência e a gestão na Educação Infantil e aponto, nesse sentido, o trabalho realizado no Observatório da Cultura Infantil no qual se entende essa documentação “[...] como uma forma de produzir conhecimento sobre a Educação Infantil, a partir da oportunidade de aprender a olhar as experiências das crianças na escola e evidenciar o papel da criança no processo educativo, convidando a reposicionar o papel do professor e a construir um contexto educativo de qualidade” (Fochi; Piva; Focesi, 2017, p. 166).

Você se envolveu, desde o término da graduação, até o final do doutorado, com casos de ensino como estratégia formativa e investigativa. Comente sobre o impacto desse período no seu desenvolvimento profissional como docente na Educação Superior

Essa questão é interessante porque me permite olhar para os casos de ensino sob uma perspectiva diferente. Meu olhar sempre se direcionou para o potencial dos casos como ferramentas formativas e investigativas na formação de do-

centes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por alguns anos, sob orientação da professora Maria da Graça Nicoletti Mizukami, pude investigar potencialidades e limitações do uso dos casos nos processos de formação para a docência. Ao pensar sobre essas investigações, focalizando as implicações delas em meu processo de desenvolvimento profissional como docente do Ensino Superior, posso elencar algumas. A atuação na docência no curso de licenciatura em Pedagogia – e tratarei desse curso porque, como mencionei, minha experiência se dá essencialmente nele – precisa se pautar no uso de diversas estratégias de promoção de processos de aprendizagem profissional docente.

Como formadora, preciso ter o cuidado de selecionar casos de ensino – e essa aprendizagem estende-se também para a seleção de outras ferramentas formativas – que levem em conta saberes fundamentais para a docência – e vou dizer aqui: na Educação Infantil – e que considerem as necessidades de formação dos estudantes. Notem que as implicações das investigações que realizei com os casos vão além de impactos na forma como utilizo esses instrumentos atualmente na graduação. Se aprendi, por exemplo, que o uso dos casos deve ser cuidadosamente planejado, isso vale para qualquer outro instrumento formativo. Se as investigações sugeriram que os casos não são capazes de interferir no contexto em que as alunas irão atuar como professoras, mas podem garantir que se aproximem e reflitam sobre ele ao retratar situações contextualizadas, é preciso trabalhar na graduação com as limitações e potencialidades da formação inicial, de modo geral, diante dos contextos das creches e pré-escolas. Isso implica em se responsabilizar por garantir uma formação sólida para as professoras em formação na graduação, de modo que consigam articular seus saberes construídos ao longo do curso com o ambiente de atuação que irão encontrar. Essa é uma das preocupações que carrego como formadora de docentes para creches e pré-escolas e que trago

desde meus estudos com casos de ensino. Meu envolvimento com casos de ensino permitiu que, ao ingressar na docência no Ensino Superior, pudesse utilizar esses instrumentos nas aulas do curso de licenciatura em Pedagogia nas disciplinas obrigatórias e na disciplina Casos de ensino na Educação Infantil, que pude organizar e segue como disciplina optativa para as estudantes.

Apresente algumas sugestões, considerando sua trajetória e experiência profissional, para um professor/formador iniciante na Educação Superior

Desde meu doutorado, defendido em 2005, tenho estudado e pesquisado aspectos relacionados ao que professores vivem e aprendem nos anos iniciais da docência. Mais recentemente, tenho centrado minhas atenções nas professoras iniciantes da Educação Infantil. No que se refere ao docente que inicia sua trajetória profissional no Ensino Superior, penso que momentos marcados pela descoberta e pela sobrevivência, apontados por Huberman (1992), também serão por ele vividos. Como afirma Marcelo Garcia (2010), trata-se de um momento de tensões e de aprendizagens intensas em um cenário muitas vezes desconhecido. É um momento de aprender a ensinar e um momento de socialização profissional. Ao ingressar na universidade, penso que o iniciante precisa aprender sobre a instituição de Ensino Superior que será lugar de sua atuação. É preciso saber dos diversos espaços em que irá atuar e que estão além das salas de aula. A docência no Ensino Superior, na graduação e na pós-graduação, está interligada com as atividades de pesquisa, de extensão e também de gestão da instituição. Entendo que seja fundamental para o iniciante procurar conhecer todas as possibilidades de trabalho nesse ambiente. Em alguns casos, é possível que o docente que se insere

na universidade encontre certo apoio nesses primeiros anos de docência. De qualquer forma, havendo ou não programas de apoio ao seu ingresso, é importante que o docente busque conhecer a instituição, entendendo também como ela se relaciona com a sociedade. Que busque, também, se aprofundar no curso, ou nos cursos, em que irá atuar como docente. É necessário saber da legislação, em nível nacional e local, que ampara o curso e que determina o perfil do profissional que se pretende formar. Estar disponível para aprender com os colegas e com os alunos também é fundamental. Ter disposição para pensar sobre as crenças que possui e sobre o professor que está se tornando é igualmente importante.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, dez. 2009.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, dez. 2017.
- COUTINHO, Angela Scalabrin. A prática docente com bebês. *Revista Pátio Educação Infantil*, ano XI, n. 35, abr./jun. 2013.
- DIDONET, Vital. Educação Infantil: entrevista com Vital Didonet. Câmara dos Deputados, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/4-SyaOU8Upg> Acesso em: 13 fev. 2023.
- FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Aprendizagem da docência e inclusão: quando a vida e o trabalho tecem um objeto de estudo. In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco (Org.). *Profissão docente em questão!* 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 321-338.
- FOCHI, Paulo Sérgio; PIVA, Luciane Frosi; FOCESI, Luciane Varisco. A documentação pedagógica como mote para a formação de professores: o caso de uma escola participante do OBECI. *Crítica Educativa*, v. 2, n. 2, p. 165-177, 2017. DOI: 10.22476/revcted.v2i2.103. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/103> Acesso em: 13 fev. 2023.
- FRIEDMANN, Adriana. A arte de adentrar labirintos infantis. In: FRIEDMANN, Adriana. *Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 16-27. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/03-21264> Acesso em: 13 fev. 2023.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. et al. (Orgs.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.
- MAIA, Samily Oliveira. Conversando sobre professores iniciantes e o papel da escola em sua formação com Maévi Anabel Nono. *Resenha. Revista Docentes*, v. 7, p. 72-74, 2022.
- MARCELO GARCIA, Carlos. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 11-49, ago./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/download/17/15> Acesso em: 27 dez. 2020.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et al. *Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- NONO, Maévi Anabel. *Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação*. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Como definir uma pedagogia que oriente o trabalho em creche. *Revista Pátio Educação Infantil*, ano V, n. 13, p. 00-00, mar./jun. 2007.
- REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA. *Plano Nacional pela Primeira Infância: 2010 – 2022 / 2020 – 2030*. 2. ed. (revista e atualizada). Brasília, DF: RNPI/ANDI, 2020.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Retrato em Positivo. In: FRIEDMANN, Adriana. *Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 7-16. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/02-21258> Acesso em: 13 fev. 2023.
- SOUZA NETO, Samuel; AYOUB, Eliane. Maurice Tardif – trajetória de um pesquisador: entre profissionalização do ensino, pensamento crítico e riscos contemporâneos. *Pro-posições*,

n. 32, e 20200145, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0145>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Twcm6XXvZWkPbnnfLzZYTFy>. Acesso em: 13 fev. 2023.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Recebido em: 02/03/2023

Aprovado em: 08/11/2023



Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.